

Os cemitérios artísticos como laboratórios de estudos

Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho¹

Resumo: O artigo versa sobre a importância dos cemitérios do século XIX enquanto locais de experiência e de interação com a arte escultórica funerária. Esses cemitérios praticamente não são mais usados para sepultamento e por isso devem ser convertidos em museus, propiciando o acesso às suas obras de arte. A mudança das posturas diante da morte autentica seu espaço como um local de estudos e de conhecimento. Os antigos cemitérios oferecem possibilidades para se tornarem lugares de frequência do público, mais atrativos e acolhedores do que tetricos ou mórbidos como costumam ser referenciados.

Palavras-chave: Cemitérios; Arte Funerária; Arte Cemiterial; Escultura Tumular; Porto Alegre.

Artistic cemeteries as laboratory studies

Abstract: The article deals with the importance of the cemeteries of the nineteenth century as places of experiencing and interacting with art funerary sculpture. These cemeteries are practically no longer used for burial and should therefore be converted into museums and propitiate access to their works of art. The changing attitudes toward death authenticate your space as a place of study and knowledge. The ancient cemeteries offer possibilities to become frequency of public places, more attractive and welcoming than lurid or morbid as often referenced.

Keywords: Cemeteries; Funerary Art; Cemetery Art; Tomb Sculpture; Porto Alegre.

Esculturas públicas agredidas

A preservação do patrimônio monumental brasileiro não é (e nunca foi) tema fácil para as administrações públicas ou privadas. Em Porto Alegre, tal fato pode ser constatado em um rápido passeio por nossas praças e parques, ou mesmo pelas ruas que possuem prédios construídos entre o final do século XIX e o início do século XX. São muito raros os casos em que monumentos públicos e fachadas prediais apresentam boas condições. Os estados de conservação são problemáticos, as manutenções são praticamente inexistentes e, quando acontecem, logo perdem seu efeito: a degradação do patrimônio retorna, principalmente por meio do vandalismo.

¹ Doutora em Artes Visuais com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora de Arte Funerária, Artista e Conservadora de Bens Culturais. Professora Adjunta no Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais da Universidade Federal de Pelotas.

Pichações, furtos e agressões variadas descaracterizaram boa parte dos monumentos públicos de Porto Alegre. Exemplo do problema é o Parque da Redenção, em uso desde o século XIX, foi oficialmente denominado como *Parque Farroupilha* no ano de 1935, quando sitiou a Exposição do Centenário Farroupilha. Agraciado com um programa de revitalização de seus monumentos, o “Resgate do Patrimônio Histórico”, que acontece desde 2014, já teve vários monumentos limpos, reparados e reidentificados. Bustos e placas foram recolocados. Boa parte desses monumentos possui corpo ou base em granito e bustos e placas em bronze, material visado por ladrões. Para evitar que os furtos reincidissem sobre os monumentos, os elementos em bronze, tais como placas, foram refeitos em material não comercializável, reproduzidos em fibra de vidro ou mesmo simples inscrições sobre placas de granito. Em poucos dias, os monumentos tornaram a serem agredidos, e mesmo diante da impossibilidade de comercializar os materiais, os agressores não hesitaram em arrancá-los.

O exemplo do Parque Farroupilha mostra que mesmo diante de ações de revitalização de monumentos, persiste um problema ainda maior que a degradação natural à qual estão expostos: a segurança. Para o programa de revitalização funcionar, evidentemente o lugar que recebe a melhoria deve receber também iluminação, manutenção, limpeza e segurança. A apreciação das obras de arte estará comprometida no momento em que o público não puder se entregar à fruição das mesmas por insegurança.

Os problemas que acometem as esculturas públicas comprometem severamente o conhecimento da arte escultórica e seus materiais, bem como da história da cidade. Se dependermos dos monumentos das praças para conhecermos esculturas em bronze, provavelmente as gerações futuras terão uma apreciação bastante limitada, já que a nossa geração tem contato com boa parte da história dos monumentos por meio de fotografias antigas publicadas em jornais, livros, artigos e teses sobre o assunto.

Abandono dos cemitérios

Dentre as opções que temos para apreciar os monumentos ao ar livre, uma das mais interessantes está nos cemitérios. Todavia, os cemitérios, tal como as praças e vias públicas, infelizmente estão sujeitos ao vandalismo, principalmente quando tratamos de cemitérios públicos ou municipais. Em determinadas cidades, o cemitério sofre mais

agressões do que qualquer outro local. Exemplo disso é o Cemitério da Santa Casa de Pelotas, cuja área mais antiga, datada de meados de 1850 e onde encontramos seus monumentos funerários em mármore e granito, já perdeu todos os adornos menores em bronze (cruzes, caracteres, molduras, porta-retratos, bustos, medalhões, rubricas e pequenas esculturas). Alguns casos são ainda mais graves, quando esculturas inteiras foram furtadas, deixando apenas a marca de sua colocação no túmulo.

Figura 1 – Anjo da saudade no Monumento Funerário Py Crespo. Cemitério da Santa Casa de Pelotas (RS).



Não somente o Rio Grande do Sul sofre com os atentados patrimoniais. Outros estados brasileiros também tiveram seus cemitérios atacados: recentemente, o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, teve diversos jazigos depredados. Obras em mármore foram derrubadas e quebradas. Em São Paulo, no Cemitério da Consolação, protegido por tombamento, a quebra das esculturas e o roubo do bronze acontecem recorrentemente. Não há controle ou segurança suficiente e boa parte dos adornos menores, placas e floreiras também já foram dilapidados. Ao olharmos os jazigos do Cemitério da Consolação despidos de seus bronzes, o sentimento é oposto à contemplação: uma agressão visual. As lacunas deixadas pelo furto dos adornos são evidenciadas pelas marcações de seus contornos ausentes, e pelos orifícios onde antes se inseriam os pinos necessários para a fixação.

A conservação do patrimônio funerário significa um grande problema para as administradoras, pois os jazigos, mesmo aqueles que são perpétuos, requerem taxas de manutenção. Ocorre que, algumas vezes, o custo da manutenção do jazigo é demasiado oneroso para as famílias, ou, ainda, os familiares responsáveis pelos jazigos também já faleceram e o túmulo fica suscetível ao abandono. O fato é cada vez mais comum: caminhamos pelas necrópoles e encontramos diversos terrenos com “mato” crescendo e lápides quebradas, em cemitérios de diversas cidades ou mesmo de países em que estejamos a praticar a caminhada cemiterial.

O problema também se deve ao fato de que as administradoras necessitam de autorização das famílias para intervirem nos jazigos, tal como justifica a administração do Cemitério da Consolação, em São Paulo. Em reportagem televisiva, a jornalista mostra uma sala repleta de portas de criptas, placas e até um belo Cristo. Tudo em bronze e apreendido durante o furto. Não se sabe a quais jazigos os artefatos pertencem. Ficam à espera do reclame das famílias. Triste evidência da ausência de segurança, de inventário e da imensa falta de um gestor patrimonial do cemitério, cargo ainda inédito nos cemitérios brasileiros, impensável para as administradoras públicas durante o atual obscurantismo da cultura brasileira.

Figura 2 – Detalhe de escultura em bronze do Monumento Funerário Família Império. Cemitério da Consolação, São Paulo (SP).



Os cemitérios como laboratórios de estudos

A fortuna depositada nos cemitérios é um capital parado, que não arrecada os fundos necessários para a sua sustentabilidade. As obras de arte não são avaliadas, e, desconhecidas, sofrem agressões. Em boa parte dos casos de furtos, as obras são vendidas pelo peso do metal, o bronze. Quando acontece alguma avaliação, ela é totalmente especulativa, visando o jazigo. A avaliação não inclui o valor histórico, e o valor artístico de fato, que consideraria a história da família, a motivação pela escolha da ornamentação do túmulo, e a trajetória de produção do artista, bem como o diálogo dessa produção com os estilos presentes na história da arte.

Cada cemitério possui um acervo singular. Vemos recorrentemente o uso da expressão “museu a céu aberto” para definir cemitérios, por conta das obras de arte e dos percursos que neles podem ser estabelecidos. Infelizmente, boa parte das reportagens de divulgação pautadas nos cemitérios destaca a mesma pauta, que versa sobre a riqueza esquecida, a indignação das famílias com o vandalismo, e as administradoras reféns da falta de segurança e de políticas de valorização patrimonial. Fica difícil destacar algum programa de uso consciente desses espaços, que apesar de murados, são tratados como praças abertas, adentrados sem critério e sem possuir vigilância adequada. Um olhar carinhoso logo percebe que os cemitérios têm reservas técnicas preciosas e que sua valorização inicia no estudo dedicado de cada uma de suas obras.

Quase todo cemitério possui um funcionário que conhece um tanto de sua história, sabe alguma curiosidade sobre o túmulo e muitas vezes pode narrar interessantes episódios de uma história da arte funerária ainda não escrita e quase perdida. Um “café” com esse funcionário pode fazer dele um colaborador e render ótimos ensaios. Talvez uma oportunidade para conversar sobre um assunto curioso, interessante e pouco explorado.

Figura 3 – Tour noturno com o artista Dante Taparelli no Cementerio El Salvador, Rosario, Argentina.



Quando pensamos em “resolver” os problemas das necrópoles, a primeira coisa que vem à cabeça é um moderno sistema de segurança, acompanhado de uma soma incomensurável de dinheiro para ser investida em uma “reforma” dos túmulos ou mesmo a total substituição desse sistema antigo de sepultamento. Aliás, sepultar é realmente um tanto inviável, em consideração do crescimento das cidades e de suas populações. Se os jazigos que existem não podem ser cuidados, não faz sentido acrescentar ainda mais jazigos e cobri-los de ornamentos caríssimos. O costume de peregrinar até as necrópoles ficou defasado e reservado para o dia de finados, quando muito.

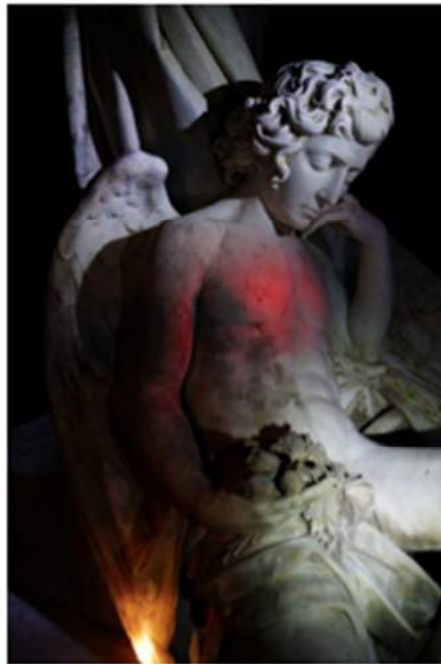
Vemos que o problema não é simples. Diversos fatores devem ser considerados ao olharmos carinhosamente para as necrópoles. Se for possível iniciar uma reflexão que privilegie o cemitério como um centro de arte e de produção do conhecimento, logo concluiremos que não é necessário morrer para ir ao cemitério. É óbvio que poucos serão atraídos para esses espaços pela motivação de construir jazigos. Hoje o espaço do cemitério está aberto à outra finalidade, ainda não compreendida, e por isso totalmente ignorada e que corrobora com a sua devastação.

Figura 4 – Cemeterio El Salvador, Rosario, Argentina.



O cemitério é um laboratório vivo, acreditem. Se antes íamos aos cemitérios artísticos para chorar e relembrar os mortos, hoje podemos ir para caminhar, olhar, conhecer, experienciar e sentir júbilo com o deslumbre de suas obras, surpreendentemente lindas. A inserção no espaço cemitério é uma vivência totalmente sinestésica: pense num museu onde podemos chegar perto das obras, caminhar em seu entorno, tocá-las. Ver suas formas e suas cores pétreas, sentir sua temperatura e sua textura. Se esse cemitério estiver em uma zona rural, teremos oportunidade de ouvir o silêncio, e se for urbano, a trilha fica em aberto, à espera da criatividade. Cemitério harmoniza com violino, com poesia, com voz e com palavra. Melodias inspiradoras, clássicas, ou mesmo mais *dark wave*.

Figura 5 – Anjo da melancolia. Cementerio El Salvador, Rosario, Argentina.



A teatralidade expressa pelas esculturas torna-as alegorias em espetáculos que versam sobre a perda, mas também sobre a esperança, sobre a fé, sobre a superação por meio da metamorfose da dor em beleza e em arte pura. Um legado deixado por nossos antepassados, com uma forte mensagem de que sim, de que é possível renascer e renovar em vida. Ao assumirmos a perda, a dor, a morte, a finitude e a separação, damos oportunidade para a vivência e para entrega do nosso momento em plenitude com o outro. O cemitério pode nos ensinar a amar, quando nos damos conta de que é possível deixar como herança uma sociedade mais humanizada e mais sensível. Para isso é preciso trabalhar duro, ir a campo, registrar os jazigos, medi-los, recolher suas partes soltas e catalogá-las. Talvez até abrir mato e lavar os túmulos, a fim de lograr a leitura de suas lápides.

Figura 6 – Acadêmicos do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel avaliando o Monumento Funerário Poeta Lobo da Costa para realizar a limpeza do jazigo.



A sete palmos

Uma longa caminhada sem destino certo. Investir nos cemitérios como centros produtores de conhecimento e como espaços de formação é um desafio. Por hora, apenas uma reflexão, pois ainda não temos informação suficiente produzida sobre a experiência de gestão desse tipo acervo, e nem conhecimento de como isso funciona na prática. Todavia é urgente pensar nisso, e começar a praticar, seja da forma mais simples, apenas indo aos cemitérios e olhando o que tem dentro deles.

Figura 7 – Jovem visitando mausoléu no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (RS). Na porta, trecho de *Thoughts in Solitude*, escrito pelo abade e poeta Thomas Merton em 1958.



O cenário cultural não é muito estimulante, pois tem apresentado instituições museológicas estruturadas sucumbindo à ausência de recursos e de gestão. É comum museus apresentarem reservas técnicas abarrotadas, com amontoamento de quadros, gravuras, esculturas e por aí vai. Então somos tentados a aumentar a dificuldade de gerir o cemitério, pois se mesmo os centros culturais reconhecidos têm problemas, quem dirá um campo cheio de esculturas e pedras abandonadas, expostas a todo tipo de degradação.

Aí está a oportunidade para o novo. Não temos um modelo de gestão de cemitério patrimonial. Ainda não há uma cartilha, uma proposta, um modelo. Óbvio que não estamos desconsiderando visitas monitoradas e guiadas, palestras, aulas, pesquisas acadêmicas, eventos teatrais. Entretanto, temos de ter claro que essas iniciativas muitas são isoladas, e que não há uma associação ou parceria entre administradoras, familiares, poder público, universidades, pesquisas e sociedade para discutir o valor patrimonial do cemitério. Gestão não é algo isolado, é uma atividade conjunta, associativa, colaborativa e extremamente desafiadora. Sem ilusões: requer dedicação, ousadia, persistência e

paciência, ainda mais no segmento arte cimiterial. O tema da morte ainda é considerado um tabu ou um assunto com o qual brincamos para tentar desconstruir da dificuldade em lidar com um episódio tão delicado e tão inevitável.

Não há uma receita para se implementar a prática da valorização dos cemitérios enquanto espaços de arte, mas podemos chegar à algumas conclusões básicas. Primeiro, o cemitério precisa ser estudado, pesquisado, inventariado túmulo por túmulo. Só assim existe a possibilidade de se realizar uma seleção dos jazigos que reputam de maior importância. No Rio Grande do Sul, são raras as administrações de cemitérios que conhecem ao menos algumas obras importantes de seus acervos. Diante da posse das informações mais relevantes, é possível estabelecer um diálogo com as administradoras dos cemitérios e mesmo com os familiares, para se discutir algumas práticas.

Figura 8 – Frotagem da lápide da cantora lírica Zola Amaro, sepultada no Cemitério da Santa Casa de Pelotas (RS).



A leitura sobre os temas cimiteriais (esculturas, materiais, arte, estética, iconografia, história, etnologia, genealogia) poderá apontar caminhos e ideias.

Naturalmente, cada contexto é diferente e, no caso de cemitérios, o que ocorre é uma grande adaptação de metodologias, de abordagens e de interpretações. A área é ainda muito insipiente no que trata de publicações e análises mais científicas. Geralmente, conhecemos algum cemitério intrigante, mas não sabemos quase nada sobre ele. Nesse caso, consideramos a possibilidade de “descobrir” mais informações. Nem sempre há uma pesquisa sobre o cemitério e para desenvolvê-la, torna-se necessário ir aos arquivos, revirar jornais, mapas, entrevistar pessoas e analisar os túmulos com perspicácia. Se a ideia não for produzir um relatório acadêmico, podemos começar com uma crônica no jornal, um breve artigo online ou mesmo com algumas fotografias.

O interesse no conhecimento e na divulgação dos cemitérios é importante. As pessoas são afastadas dos cemitérios artísticos não somente pela morte, mas pelo abandono à que a maioria deles está relegada. Alguns deles são espaços sujos, cheios de mato, de difícil acesso, sem segurança, sem contato, sem uma cafeteria. Para os cemitérios serem oficialmente locais de conhecimento e de fruição de arte, eles precisam estar preparados para esta finalidade. Os cemitérios se originam da ideia de afastar os mortos dos vivos, quando os falecidos não podiam mais ser sepultados nas igrejas por questões de saúde. Foram construídos em antigas regiões descampadas, afastadas dos núcleos urbanos. Hoje, o fluxo e a circulação acontecem no entorno das necrópoles, rodeadas de casas e de comércio.

Figura 9 – Adorno em metal, na porta de uma das capelas do Cemitério Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (RS).



Parece estranho pensar que o cemitério possa mudar tanto de abordagem, passar de um espaço de afastamento para um espaço de acolhimento, coexistindo com a modernização. A mudança de posturas diante da morte trouxe como principal providência a cremação, e hoje, as homenagens aos entes queridos são bastante diferentes do jazigo artístico e monumental.

Figura 10 – Detalhe de escultura em bronze no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé.



Fotografia: Luiza Neitzke, 2010.

A memória, o carinho e a lembrança daqueles que amamos continuam sendo tão valiosos quanto àqueles expressos nas obras de arte funerária, e podem ser representados em uma joia para ser carregada junto ao peito, tal como os pingentes e os diamantes oferecidos atualmente. E é justamente nessa mudança que entendemos os antigos cemitérios artísticos como acervos valiosos, pois constituem o resultado de um fazer perdido verificado em seus artefatos irrepetíveis. A memória de “fazer arte funerária” e os seus artefatos resultantes devem ser reconhecidos, respeitados e valorizados pela sociedade. Assim, questionamos o uso da definição “museus a céu aberto”, já que musealizar significa expor os objetos de maneira acessível às experiências físicas e intelectuais do público, com qualidade tanto para quem vê como para aquilo que é visto.

REFERÊNCIAS

- BELLOMO, Harry Rodrigues. **A estatuária funerária em Porto Alegre (1900–1950)**. 1988. 204 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.
- BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **A memória retida na pedra: a história de Bagé inscrita nos monumentos funerários (1858–1950)**. Bagé: Ed. do autor, 2016.
- BERRESFORD, Sandra. **Italian memorial sculpture (1820–1940): a legacy of love**. Londres: Frances Lincoln, 2004.
- BOM DIA SÃO PAULO, 30 de outubro de 2015. Ladrões depredam e roubam túmulos no Cemitério da Consolação. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/4574096/> >. Acesso em: 15 mai. 2016.
- BOM DIA SÃO PAULO, 23 de julho de 2014. Ladrões continuam agindo no Cemitério da Consolação, na região central da capital. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3515386/>>. Acesso em: 15 mai. 2016.
- BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890–1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: C/Arte, 2002, p. 120.
- CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **História e Arte Funerária dos Cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888–2014)**. 2015. 539 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre, 2015.
- CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890–1930)**. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Hier Ruth in Gott: Inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da Grande Florianópolis**. Blumenau: Nova Letra, 2008.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- ESTADÃO, 28 de setembro de 2014, São Paulo. Onda de furtos ameaça patrimônio histórico do Cemitério da Consolação. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,onda-de-furtos-ameaca-patrimonio-historico-do-cemiterio-da-consolacao-imp-,1567377>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

R7 SP NO AR, 16 de outubro de 2015. Suspeitos são presos por roubar peças do Cemitério da Consolação em São Paulo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sp-no-ar/videos/suspeitos-sao-presos-por-roubar-pecas-do-cemiterio-da-consolacao-em-sp-16102015>>. Acesso em: 15 mai. 2016.